

# #Opinião: “O Futuro está na Ordem. E na Floresta!”

31 de Janeiro, 2022

É já na primeira quinzena de fevereiro que se realizam as eleições para os órgãos nacionais e regionais da Ordem dos Engenheiros (OE) (mandato 2022-2025).

Fundada em 1936, a OE é uma instituição com décadas de história, contada acima de tudo pelo conhecimento e experiência prática dos seus membros, que representam as mais diversas ciências da Engenharia.

A qualidade, o rigor técnico e o debate de ideias para o alcance de soluções, são atributos comuns do exercício da engenharia, reconhecidos pela sociedade. Mas é o contexto dos desafios globais que enfrentamos que releva a necessidade de tornar mais visível o papel determinante da Engenharia na inovação e desenvolvimento tecnológico, na transformação digital com propósito, e na transição para uma economia regenerativa.

Neste momento de decisão, é com enorme entusiasmo que esta equipa de 5 engenheiros florestais integra a lista RC e se candidata a representar o Conselho Regional de Colégio de Engenharia Florestal da Região Sul. O dinamismo e a vontade do Eng. João Calado – candidato a presidente do Conselho Diretivo da Região Sul, mobiliza-nos a acreditar que podemos construir hoje o amanhã que desejamos para uma OE renovada, mais presente e aberta.

A OE é uma instituição de referência da Engenharia em Portugal. Reforçar a sua identidade tornando-a mais relevante ao longo do ciclo de vida do Engenheiro é um desafio que começa na captação dos novos membros e permanece viva na atualização de competências e partilha das melhores práticas. Estes são objetivos transversais às especialidades, sendo necessário promover, numa lógica mais integrada. Conscientes que o resultado desta atuação vai para além da renovação contínua do conhecimento técnico de excelência residente nos vários Colégios, a OE é o fórum privilegiado para uma gestão do conhecimento da engenharia que se requer mais interligado e estruturado de forma multidisciplinar, refletindo capacidade analítica para responder eficazmente aos problemas sistémicos da atualidade.

O Colégio de Engenharia Florestal partilha das preocupações transversais da lista RC e afirma-se como agente ativo para a concretização das suas linhas de ação.

De facto, o ponto de partida que move a ação política e estratégica é comum: os compromissos nacionais de redução das emissões de gases com efeitos de estufa (GEE) até 2030, bem como o alcance da neutralidade carbónica em 2050, trazem uma pressão acrescida à gestão florestal, para minimizar as ameaças de dependência atuais e de sobrevivência futura, face ao clima e à disponibilidade de recursos.

A floresta assume um papel essencial, enquanto principal sumidouro de carbono, geradora de matérias-primas renováveis e de serviços de ecossistemas, fazendo do setor florestal/ silvícola, um catalisador central da transição para uma economia regenerativa, que é preciso monetizar para conhecer o seu real significado económico, social e ambiental.

Mais de um terço do território continental é ocupado por floresta. Acrescem a este valor as áreas de matos e os espaços agroflorestais, em que a paisagem predominantemente arborizada e/ou arbustiva totaliza quase 60% do território.

Hoje o setor florestal é um agente económico com uma indústria transformadora

*Contributo do volume de negócios das empresas da indústria de base florestal e da silvicultura no PIB nacional*

|   | 2015     | 2016     | 2017     | 2018     | 2019     |
|---|----------|----------|----------|----------|----------|
| % da indústria florestal no PIB nacional  | 4,66%    | 4,53%    | 4,61%    | 4,81%    | 4,57%    |
| % da silvicultura no PIB nacional         | 0,44%    | 0,43%    | 0,43%    | 0,45%    | 0,44%    |
| % das empresas florestais no PIB nacional | 5,10%    | 4,96%    | 5,04%    | 5,26%    | 5,02%    |
| PIB português                             | 179713,2 | 186489,8 | 195947,2 | 205184,1 | 214374,6 |

Fonte: INE – Volume de negócios das empresas (€) por atividade económica e escalação de pessoal ao serviços, anual; Pordata – Produto interno bruto na ótica da produção (milhões de euros)

forte e competitiva aos níveis nacional e internacional. É um setor base da economia e dos principais empregadores nos territórios rurais do interior, com baixa densidade populacional, responsável por cerca de 100 mil empregos (4% do emprego nacional).

A meta da neutralidade carbónica alavanca transformações profundas e urgentes no tecido económico, em particular nas cadeias de valor do setor florestal. O Plano de Recuperação e Resiliência (componente C8 – Florestas), colocou novamente na agenda a oportunidade de realizar as reformas estruturais amplamente conhecidas. São disso exemplo a reforma do cadastro predial e consolidação da propriedade rural, a arborização e reflorestação, as melhorias no planeamento, na gestão florestal e no ordenamento do território, a gestão das paisagens e o seu papel na resiliência ao fogo, aumento da produtividade das florestas e a maior valorização da preservação da biodiversidade e dos serviços de ecossistemas.

Para operacionalizar esta transformação é essencial recorrer à I&D, inovação e desenvolvimento tecnológico, aos sistemas de informação geográfica mais analíticos e tecnologias de deteção remota, à digitalização das cadeias de valor associadas à floresta, à diversificação e especialização profissional da estrutura produtiva.

Este contexto de exigência caracteriza a realidade profissional para a qual os Engenheiros Florestais devem estar preparados, marcando presença na cadeia de valor associada à floresta, da academia, à educação básica e técnico-profissional, no tecido empresarial e associativo, ao nível dos setores público e privado, e nos âmbitos nacional, regional, municipal e local.

O plano de ação que preparámos faz da OE o sítio certo para defender o prestígio da engenharia florestal e dar-lhe uma nova visibilidade para a

sociedade. Visa uma atuação relevante, servindo de suporte ao exercício da profissão, ao desenvolvimento de competências técnicas e de gestão, valorizando, sem limites, o conhecimento técnico e científico.

A equipa de coordenação do Conselho Regional do Colégio de Engenharia Florestal da Região Sul, prossegue ações transversais, com implementação de iniciativas na sua área de atuação, constituindo-se como parceira no apoio às ações promovidas pela OE ao nível nacional.

| PLANO DE AÇÃO      |  |
|--------------------|--|
| <b>DEFENDER</b>    | Atos próprios do Engenheiro florestal, ao nível do setor público, municipal e privado  |
| <b>PROMOVER</b>    | <p>A inscrição de novos membros no colégio de Engenharia Florestal da Ordem dos Engenheiros</p> <p>O serviço público dos engenheiros florestais na atualidade</p> <p>A profissionalização dos agentes da floresta, nomeadamente com ações de formação e informação, protocolos no âmbito de requisitos de segurança, higiene e saúde no trabalho, entre outros</p> <p>Atividades em conjunto com a Academia e Associações de Estudantes, de forma a desenvolver um canal privilegiado de encaminhamento de finalistas nas empresas florestais</p>  |
| <b>POSICIONAR</b>  | <p>A floresta nos temas centrais de ação climática, acompanhando os movimentos mundiais de promoção e valorização da floresta</p> <p>As feiras florestais, com a valorização dos seus produtos, como motor de desenvolvimento económico e social do Mundo Rural</p> <p>A gestão florestal como elemento central no combate à desertificação e prevenção de incêndios no interior do território português</p>   |
| <b>ESTABELEÇER</b> | <p>Relações junto dos grupos parlamentares e comunicação social, tornando a Ordem como órgão único de referência do conhecimento técnico do setor</p> <p>Uma Campanha de Promoção de Engenharia Florestal, como mecanismo de atratividade de jovens para a Licenciatura e melhoria das médias nacionais de entrada para os cursos</p>  |
| <b>PARTICIPAR</b>  | <p>Na elaboração e consulta pública da legislação e mecanismos de financiamento florestal nacional, europeia e mundial</p> <p>Na divulgação de ações de I&amp;D e tecnologia no setor</p>  |
| <b>PROMOVER</b>    | <p>E divulgar os bons exemplos de gestão florestal praticada no Sul do país</p> <p>A formação profissional que capacite os membros da OE para lidar com os desafios da floresta no Século XXI</p> <p>Cursos e workshops que melhorem as habilitações profissionais dos membros e do papel da engenharia florestal nos serviços públicos (Direções Regionais, Câmaras Municipais, entre outros)</p> <p>A inovação e tecnologia no setor na principais culturas florestais do Sul, com ações demonstrativas</p> <p>Incentivar parcerias com o objetivo de aprofundar o conhecimento acerca do impacto das alterações climáticas na floresta do sul do país</p> |
| <b>PARTICIPAR</b>  | <p>Nas principais feiras e eventos da região de forma a divulgar a atividade da Ordem dos Engenheiros</p> <p>Na elaboração e consulta dos planos de ordenamento do Sul do País</p> <p>Em projetos e estudos de avaliação do impacto das alterações climáticas na floresta do Sul do País em cooperação com outros Colégios</p> <p>Em projetos de análise económica das principais espécies florestais no Sul do País</p>   |

**[blockquote style="width: 300px; margin-left: auto; margin-right: auto; padding: 10px; border: 1px solid black; border-radius: 5px; font-family: sans-serif; font-size: 1.1em; font-weight: bold; text-align: center;">No âmbito das eleições à Ordem dos Engenheiros, a Ambiente Magazine vai partilhar três artigos de opinião dos candidatos das listas RC, RI e RF. Hoje, partilhamos o testemunho de Inês Cândido da Silva, candidata pela lista RC a Coordenadora do Colégio de Engenharia Florestal da Ordem dos Engenheiros da Região Sul. O próximo artigo será publicado no dia 7 de fevereiro (segunda-feira).[/blockquote].**